



A SONORIDADE NA CONSTRUÇÃO DE THE MONKEY'S PAW, DE W. W. JACOBS E THE RAVEN, DE EDGARD ALLAN POE

Nado Da Cunha¹

Carlos Eduardo De Oliveira Bezerra²

RESUMO

Nesta comunicação apresenta-se os resultados de uma segunda etapa de uma pesquisa do tipo bibliográfica e qualitativa cujo objetivo geral foi analisar o papel da sonoridade na construção do conto de horror *The Monkey's Paw* (A pata do macaco, em português), do escritor inglês W. W. Jacobs e no poema *The Raven* (O Corvo, em português), do escritor estadunidense Edgar Allan Poe. A análise do poema faz parte da referida segunda etapa da pesquisa. Nela, questionamos a respeito dos elementos que atuam na construção do horror e que caracterizam o subgênero do conto e do poema. Entre outras hipóteses aventadas, a sonoridade foi a que demos maior destaque, sendo a sua análise o foco da pesquisa. Utilizou-se para isso a metodologia qualitativa, como o levantamento das ocorrências e registros referentes aos sons e em seguida a compreensão delas no enredo do conto. Terminada a pesquisa, concluiu-se que a sonoridade – gritos, sussurros, soluços, sons do vento, batidas na porta, nas janelas, acorde de piano, ranger de taboas nas paredes, escadas e no piso da casa, passos, sons dos movimento de ratos no piso, silêncio estranho, choro lastimoso, tique-taque do relógio, sons de móveis arrastados, gemido – tem um papel relevante na construção da ambientação que caracteriza o horror, suscitando medo, emoções, ocorrências inesperadas, encontros com o estranho e o insólito.

Palavras-chave: Conto; Poema; Horror; Sonoridade.

ILL- Instituto de linguagens e literaturas , Palmares , Discente, nadodacunha20@gmail.com¹

ILL- Instituto de linguagens e literaturas , PALMARES , Docente, cadubezerra@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

Nesta comunicação apresenta-se os resultados de uma pesquisa, que teve origem no desenvolvimento da disciplina Teoria da Literatura, oferecida no semestre 2022.1 e 2022.2 para os Cursos de Letras/Língua portuguesa e Letras/Língua inglesa, da Unilab, especialmente sobre o conteúdo de teoria do conto (GOTLIB, 2004), uma das narrativas ficcionais curtas mais em evidência com destaque para o subgênero conto de horror. Àquela altura a turma era composta por estudantes dos dois cursos, que tiveram a oportunidade de ler o conto em inglês e em português. Aqui, serão evidenciados os resultados da pesquisa com o conto e, nesta segunda etapa, com o poema, ambos na tradução em português. Ressaltamos que no caso do poema, as traduções utilizadas na pesquisa foram a de dois importantes autores de língua portuguesa - Machado de Assis e Fernando Pessoa - que constam no livro *O corvo - Multilíngua* (SÁ, 2015)

Trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica e qualitativa cujo objetivo geral foi investigar os elementos que caracterizam o referido subgênero em prosa e no poema. Dentre os objetivos específicos, procurou-se conhecer o papel da sonoridade na construção do conto *The Monkey's Paw* (A mão do macaco), do escritor inglês W. W. Jacobs (Londres, 1863 - 1943) e no poema *The Raven* (O Corvo), do escritor estadunidense Edgar Allan Poe. Assim, analisou-se a sonoridade na construção do conto e do poema referidos, pois feita a leitura constatou-se neles uma camada sonora significativa construída com recursos diversos. São eles: gritos, estes variando de estridente a selvagem, sussurros, soluços, sons do vento, batidas na porta, batidas na janela, acorde de piano, ranger de taboas nas paredes, escadas e no piso da casa, passos humanos, sons dos movimento de ratos, silêncio estranho, choro lastimoso, tique-taque do relógio, gemido. Todos esses sons ocorrem na casa da família White, que é o espaço principal do conto, além de referências breves feitas à rua distante e afastada de tudo, à fábrica e ao cemitério, pois no conto o espaço tende a preponderar sobre o tempo (GOTLIB, 2004) e também à porta do quarto do narrador do poema *O Corvo*.

O conto como se sabe tem início em uma cena prosaica, numa casa localizada em uma rua afastada, mal-conservada e de difícil acesso. Aliás, este cenário é habitual nos contos de horror do século XIX. Na sala da casa, pai e filho jogam xadrez sob a assistência da mãe, que tricotava sentada na cadeira de balanço. A distância da casa e a má conservação da rua dão ao local parte da ambientação necessária para a ocorrência do horror, ou para o seu prenúncio, pois dificilmente a família White poderia pedir socorro a alguém caso algo de mal lhes acontecesse. No poema, é tarde da noite e algo ou alguém, talvez uma visita, que desatempadamente bate à porta do quarto da personagem-narrador.

Além disso, para a construção do horror colaboram outros elementos. A saber: o jogo entre claro e escuro, luz e sombra, dia e noite, seja em referências diretas, seja evocando objetos como vela e fósforos. Naquele ambiente prosaico, de uma típica cena familiar, apareceu o elemento que trouxe o insólito ou o estranho (FREUD, 1986), outra característica do subgênero. A chegada de um visitante, o major Morris, um amigo do casal, que passara 20 anos como militar viajando pela Índia, de onde trouxera um objeto ímpar: a pata do macaco, que ele carregava no bolso da calça. A história do militar, de seus feitos e dos fatos vividos na Índia, sabemos apenas indiretamente, pois foi "contada" apenas para as demais personagens.

Ainda que haja referência ao "segundo capítulo" das histórias do major Morris, o segundo capítulo não existe de fato. Ele está aludido ao que foi conversado entre as personagens. Em um romance, certamente a história do major Morris ocuparia pelo menos um capítulo, mas no conto ela fica em suspensão ou elipsado na narrativa. De tudo que vivera, o militar trouxe consigo muitas histórias e a pata do macaco. Trata-se de um amuleto com supostos poderes mágicos, um "objeto encantado" (CORDEIRO, 2017. p. 243) ao qual se pode fazer pedidos e realizar desejos. Antes da partida do último trem, o visitante vai embora e então a família volta a ficar sozinha, porém com a pata do macaco em sua posse. Vale ressaltar que o visitante alertara a



família White para as consequências dos pedidos, solicitando-lhes cautela. Assim, instala-se o inesperado, o insólito, o estranho. O que poderia ocorrer após cada pedido? Seriam realizados? Mas a qual preço? Estas são questões que não estão no texto, mas que instigam os leitores.

No conto de horror, o que não é dito, o que é aguardado e imprevisível é também o que aterroriza. Trata-se do que nos faz perseguir a leitura e finalmente desvelar o “mistério”, e tornar o desconhecido conhecido. No caso do conto em análise não foi diferente. E, sem fazer nenhum som, sem dar nenhum sinal, sem bater aporta a morte entrou no cotidiano simples da família White. Em rápidas palavras, o que ocorreu foi o seguinte: tendo que quitar a casa, o pai pediu 200 libras. No dia seguinte, o pedido foi atendido. Mas a qual preço? A preço da morte do filho em um acidente na fábrica. As 200 libras pedidas à pata do macaco foi o valor da indenização recebida pela família. Porém, isso não é tudo.

Lembrando que ainda era possível fazer dois pedidos, a senhora White deseja pedir que o filho retorne do mundo dos mortos. Não sabia ela o que só o senhor White sabia. Devido ao acidente o filho ficara quase irreconhecível, o que certamente se acentuara dado a passagem do tempo. Temendo deparar-se com o filho nesse estado, o pai relutou em fazer o pedido, porém a mãe não teve dúvida quanto ao seu desejo, alegando que aquele era o Herbert o filho dela. O segundo pedido foi feito. Ouve-se, então sons fracos de batidas na porta, até que a intensidade aumenta. Acredita-se tratar do filho que voltara. O pai não tem dúvidas também e faz o terceiro e último pedido. Se o filho estava diante da porta na qual batia, ele voltou de onde veio e “As batidas cessaram subitamente...” (JABOBS, p. 17).

No poema, a sonoridade, tanto na tradução de Machado de Assis, de 1883, como na de Fernando Pessoa, de 1924, o som das batidas da porta levam ao já aludido encontro com o inesperado: “É alguém que me bate à porta de mansinho/ há de ser isso e nada mais”. Lê-se também: “Com efeito, (disse) é visita amiga e retardada que bate a estas horas tais.”. As batidas resultam em medo: “Com longo olhar escuro a sombra/ que me amedronta, que me assombra”, até que amedrontado o narrador-personagem abre a janela e “vejo tumultuosamente/ Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.” Mas se as batidas amedrontava, maior medo ainda desperta na personagem ao saber que o corvo falava: “Nunca mais”. Esta fala será repetida ao longo das dezoito estrofes do poema.

METODOLOGIA

A metodologia empregada foi a correspondente ao tipo de pesquisa realizada: bibliográfica e de abordagem qualitativa sob a forma de análise de conteúdo. Quanto à pesquisa bibliográfica, segundo Severino, “é aquela que se realiza a partir do registro disponível [...] em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. [...] Os textos tornam-se fontes dos temas pesquisados.” (2007, p. 122). Quanto à análise qualitativa sob a forma de análise de conteúdo, também segundo Severino (2007, p. 118), sabe-se que a realidade não pode ser apreendida somente por dados quantitativos, o que é perfeitamente cabível para ciências como a Física, a Matemática, a Química etc. No caso da literatura, a análise de conteúdo é uma técnica possível, pois ela “É uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais imagens e gestos. Um conjunto de técnicas de análise de comunicações. Trata-se de compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações.” (SEVERINO, 2007, p. 121 - 122).

Na prática, procurou-se verificar primeiramente as ocorrências e registros dos sons, chegando ao total de mais 30 registros nos dois gêneros textuais literários analisados, desde aqueles produzidos pelo vento contribuindo para a construção da ambientação, até aos mais altos e mais baixos, como as batidas na porta em determinados momentos, e o silêncio total e aterrador, aquele silêncio que aterroriza, que prenuncia o



trágico e instala o medo. Ainda que se tenha quantificado a ocorrência, a quantidade em si apenas evidencia o uso da sonoridade, porém a demanda com o texto literário ficcional exige mais do que isso, daí a decisão da metodologia da pesquisa assumida por nós.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dito anteriormente, foram registradas mais de 30 ocorrências de sons no conto e no poema. São desde sussurros e gritos até “uivos” do vento, batidas na porta de entrada da casa, na porta do quarto, na janela etc. Aqui, não se pretende apresentar todas as 30 ocorrências, mas destacar algumas delas, sobretudo as que se repetem e as que são mais significativas para a instauração do horror. A primeira ocorrência faz referência ao vento. Logo no início do conto lê-se: “ - Escute o vento - disse o senhor White...” (p. 5) . As ocorrências referentes ao vento se repetem ao longo do texto como em “o vento soprava ainda mais vigorosamente” (p. 10). Porém, se os sons do vento assustam, ele também pode ser usado para realçar outro elemento sinestésico: o frio. Então, lê-se: “Um vento frio subiu até a escada e o longo e alto gemido de decepção e tristeza da mulher lhe deu coragem de correr até ela e, em seguida, até ao portão.” (p. 17). Neste caso o vento atua seguido do gemido.

As batidas, seja no portão, na porta, nas janelas são, depois dos gritos, os tipos de sons que mais se repetem, constituindo um recurso efetivo de construção do horror, pois a princípio não se sabe que bate tanto no conto como no poema. No conto lê-se: “o portão bateu barulhentamente e passos pesados se aproximaram da porta” (p. 5). Considerando que a família estava afastada de tudo, este fato evidencia medo. Mas era a chegada do major Morris. As batidas na porta se dão também dentro de casa: “o som de uma porta batendo no andar superior” (p. 10) ou em “Mas isto não a impediu de correr à porta quando o carteiro bateu...” (p. 11). Mas as batidas são usadas num dos momentos mais críticos do conto. Quando o filho supostamente volta do mundo dos mortos. Então, lê-se: “Ao pé da escada o fósforo acabou e ele parou para acender outro. No mesmo instante, uma batida, tão silenciosa e furtiva que mal se ouvia, soou na porta da frente.” (p. 16). As batidas vão aos poucos se intensificando como se lê em “Os fósforos caíram-lhe da mão. Ele ficou imóvel, com a respiração suspensa, até que a batida se repetiu. Então ele virou e fugiu rapidamente para o quarto, fechando a porta atrás de si. Uma terceira batida ressoou pela casa. (p. 16).” [grifos nossos]. Ocorrências semelhantes vemos no poema de Edgar Allan Poe.

O verbo ressoar dá o tom intenso e mais forte desta terceira batida, pois o verbo significa “soar com força, retumbar, ecoar, soar com estrondo” (MICHAELIS, 2023). O que nos leva a considerar, além das referências aos sons e as formas de evocá-los, o uso de verbos na composição da sonoridade do conto e a sua caracterização como conto de horror e do poema . Assim, as ocorrências sonoras não são somente dos sons propriamente ditos, mas de tudo o que possa trazê-los à cena como o fato do som se propagar pelo espaço da casa. A gradação das batidas vão da menor - silenciosa e furtiva - como num jugo de som e silêncio - até à batida mais forte. Em seguida, lê-se: “A mulher sentou-se na cama e ficou escutando. Outra batida - forte - voltou a ressoar.” (p. 16). Vê-se aqui a palavra forte posta em destaque, seguida do verbo ressoar já utilizado. Daí a senhora White conclui que se trata do seu filho: “É meu filho! É Herbert! - ela gritou...” (p. 16). Daí em diante, todas as ocorrência de sons, especialmente dos gritos, estão ligados direta ou indiretamente ao embate entre o pai e mãe para impedir ou não a entrada do filho. São gritos sucessivos, de várias ordens. Além deles, as batidas se repetem: “Houve mais uma batida...” (p. 17). “Batidas sucessivas se repetem pela casa...” e tudo isso ocorre até que seja feito o terceiro pedido que é supostamente para o filho voltar ao mundo dos mortos. E essa possível volta é marcada pelas batidas ou pelo fato delas cessarem subitamente, restando o “longo e alto gemido de decepção e de tristeza da mulher.” (p. 17), voltando o conto praticamente



ao cenário inicial, porém sem o filho.

CONCLUSÕES

Do ponto de vista da análise e da teoria do conto e da poesia, o estudo do seus elementos caracterizadores é indispensável para o conhecimento do gênero e dos seus subgêneros. Certamente, o conto de W. W. Jacobs permite a percepção de como o subgênero terror se efetiva também pela sonoridade, o mesmo ocorrendo com o poema de Poe. Na brevidade do conto, pois “O conto é uma forma breve” (GOTLIB, 2004, p. 33), todos os recursos são importantes e indispensáveis à sua estrutura e economia, o que também se percebe no poema. No conto, como se diz habitualmente, nada pode sobrar. Já no romance nada pode faltar. Na poesia, toda palavra é exata, o que exige ainda mais no emprego de recursos. O conto está sob o impacto de uma economia parcimoniosa, o que não significa escassa ou pobre. O conto de Jacobs e o poema de Poe são exemplos de que recursos como a sonoridade se pode fazer muito em poucas páginas, o que exige dos leitores e estudantes uma observação arguta do texto literário ficcional, atenta as suas sutilezas e aos possíveis detalhes da sua constituição.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Carlos Eduardo Bezerra que sempre disponibiliza tempo para mim ensinar e me dar orientações. Com ele aprendo muito.

REFERÊNCIAS

- CORDEIRO, Fabiana Ferreira. A pata do macaco: uma análise. 2017. Disponível em: <http://200.145.201.15/index.php/revistamosaico/article/viewFile/424/394> Acessado em 12.05.2023.
- FREUD, Sigmund. O Estranho. In: Obras completas do Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 237 - 269.
- GOTLIB, Nádia Battella. A teoria do conto. 2004. Disponível em: http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Teoria-do-Conto_Nádia-Gotlib-1.pdf Acessado em: 12.05.2023
- JACOBS, W. W. The Monkey's Paw. In: The Lady of the Barge. London: Harper and Brothers, 1902, p. 31- 40.
- JACOBS, W. W. A mão do macaco. Trad. Paulo Soriano. São Paulo: Free Books, 2017.
- MANGUEL, Alberto (Org). Contos de terror do Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ressoar> Acessado em: 12.05.2023
- SÁ, Daniel Serravalle de (Org.). O corvo - multilíngue. Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: <http://dserravalle.prof.ufsc.br/files/2021/04/O-CORVO-multil%C3%ADngue.pdf> Acessado em: 01.10.2023
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007.